

## OS SENTIDOS DOS ACONTECIMENTOS NO JOGO DISCURSIVO LIDERADO PELA MÍDIA

Kátia Menezes de SOUSA

[Km-sousa@uol.com.br](mailto:Km-sousa@uol.com.br)

Universidade Federal de Goiás (UFG)

Elissandro Martins INÁCIO

[elissandroi@yahoo.com.br](mailto:elissandroi@yahoo.com.br)

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp/mestrado)

Nunca digo o sentido daquilo que digo. Mas, em compensação, posso sempre tomar o sentido do que digo como objeto de uma outra proposição, da qual, por sua vez, não digo o sentido.

(Gilles Deleuze)

A distância histórica entre produção e consumo dos discursos da mídia é quase nula. Essa freqüente atualização do discurso jornalístico cria a imagem de que a novidade e a imprevisibilidade sejam inerentes à notícia veiculada em um jornal, por exemplo. Dedicando-se aos discursos geopolíticos da mídia, Steinberger (2005) discute os efeitos produzidos pelos discursos da História e do jornalismo, tomando, como ponto de partida, a idéia de que o sentido dos fatos depende da rede discursiva em que estão inseridos. O aparente trabalho com fatos novos, e, por isso, isolados, atribuído ao discurso jornalístico, quase raramente pode ser realizado, pois a ocorrência de um fato, já a priori, conta com um script jornalístico de procedimentos de organização dos sujeitos e objetos envolvidos. Assim, o fato deve ser considerado atual e não novo. A morte de uma pessoa de destaque, por exemplo, atualiza um roteiro de papéis constituídos para o morto, a família, os amigos, os adversários, a causa da morte, as responsabilidades etc. O acontecimento da morte de uma pessoa é produzido dentro do vigor da atualidade, já que um script apropriado é atualizado “em um tempo, espaço e circunstâncias determinadas, com alguma margem para aspectos

secundários menos previsíveis, histórias de vida dos envolvidos etc.” (STEINBERGER, 2005, p. 87).

Além do roteiro que organiza o fato jornalístico, para que este atinja o estatuto de acontecimento, é preciso considerar as decisões e escolhas do jornalista. Discutindo o trabalho do historiador diante dos fatos, Veyne (1998) demonstra que o curso dos acontecimentos não segue um caminho traçado, e o historiador escolhe uma rota que não pode levar a todos os lugares, posto que a descrição de uma totalidade seja impossível. A descrição é seletiva, fazendo com que um fato se constitua num “cruzamento de itinerários possíveis” (VEYNE, 1998, p.45) e não numa unidade natural. Pode-se considerar, assim, que o acontecimento construído pelo discurso jornalístico é escolhido, também, a partir de um olhar que não pode alcançar a totalidade que o envolve. Logo, “um mesmo acontecimento pode ser disperso por várias tramas e, ao mesmo tempo, dados pertencentes a categorias heterogêneas – o social, o político, o religioso... – podem compor um mesmo acontecimento” (VEYNE, 1998, p.44). Reiterando que os acontecimentos não são totalidades, o autor, por meio de exemplos de fatos históricos, conclui que os acontecimentos “são núcleos de relações”.

O acontecimento passa por um roteiro e é apresentado em cenas que devem fazer sentido, ou seja, devem estabelecer relações que garantam as condições de interpretabilidade. Os fatos não trazem o sentido em si, mas esperam pelos sentidos que lhes podem ser atribuídos, conforme as diferentes relações que são capazes de suscitar. Portanto, a idéia da existência de um sentido único e fixo é uma ilusão. O que o texto jornalístico oferece aos leitores não é a realidade, mas uma possibilidade de construção de imagens simbólicas que permitem a produção de relações de sentido entre os variados discursos que vão sendo combinados nos enunciados que constituem o acontecimento. Dessa forma, propomos uma discussão que tome o discurso como sendo da ordem do acontecimento, portanto histórico, e o sentido como resultado de relações móveis, oscilantes e paradoxais a que os enunciados estão fadados em sua irrupção de acontecimentos.

Para a realização dessa tarefa, elegemos o acontecimento da morte do papa João Paulo 2º como objeto de análise, procurando descrever os movimentos que foram sendo construídos pelos

enunciados no jogo discursivo empreendido pela mídia. A partir dessa descrição, analisamos as formas de (r)estabelecer sentidos utilizadas na combinação dos enunciados mobilizados e dos discursos que foram construindo e reconstruindo o acontecimento “morte” como histórico, político e jornalístico.

Inserido no campo da Análise do Discurso de linha francesa, esse trabalho se apóia fundamentalmente em dois pesquisadores que sedimentaram os pilares dessa disciplina. Tomamos, assim, os últimos escritos de Michel Pêcheux, que, segundo Malidier (2003), coloca a questão do discurso sob o signo da heterogeneidade, impõe o primado do outro sobre o mesmo e reorienta a análise para a singularidade do acontecimento discursivo, produzindo uma reviravolta nos próprios objetos da análise de discurso. Malidier (2003, p. 75) ainda conta que Pêcheux havia se voltado “para o formigamento dos discursos ordinários, o exame das falas anônimas”. Nesse mesmo sentido, Gregolin (2004a) afirma que Pêcheux, ao propor que a análise do discurso trabalhe com as materialidades discursivas implicadas nos diferentes enunciados do cotidiano, aproxima seu pensamento com as propostas de Michel Foucault e dos pesquisadores da Nova História. É com Foucault que buscamos os fundamentos para a discussão acerca do enunciado, do acontecimento discursivo e da relação entre discurso e poderes. Acreditamos colocar em foco uma reflexão em torno da confluência do discurso e da História, lugar de pouso das teorizações de Foucault, que, numa postura crítica à História tradicional, se aproximou das teses da História Nova, colocando a noção de descontinuidade como central nas disciplinas históricas, visto que ela é, “ao mesmo tempo, instrumento e objeto de pesquisa, delimita o campo de que é o efeito, permite individualizar os domínios, mas só pode ser estabelecida através da comparação desses domínios” (FOUCAULT, 1995, p. 10).

A noção de descontinuidade muda a forma de conceber a descrição dos acontecimentos, e a proposta de Foucault propicia, ao pesquisador, como demonstra Gregolin (2004b), a compreensão dos acontecimentos discursivos que possibilitaram o estabelecimento e a cristalização de certos objetos em nossa cultura, pois, suspendendo as formas já fixadas de continuidade, um campo imenso de possibilidades, constituído pelo conjunto dos enunciados efetivos

em sua dispersão de acontecimentos e na instância própria de cada um, é liberado.

É a partir desse campo de possibilidades que pretendemos analisar alguns enunciados que ganharam espaço no jornal Folha de São Paulo, no período de 11 de fevereiro a 25 de abril de 2005, que compreende o tempo em que o papa João Paulo 2º foi internado pela primeira vez até a eleição do novo Papa, Bento 16. O acontecimento da morte será tomado como o nó de uma rede discursiva que se liga a um acontecimento construído anteriormente que o faz precipitar discursivamente e a acontecimentos posteriores que são precipitados por esse mesmo nó. Além desses acontecimentos que ganham existência com a expectativa da morte e que dão existência a outros que se constroem com a morte, há a formação de um feixe de relações que aproxima enunciados de outros lugares discursivos na tentativa de estabelecer novos acontecimentos.

Ao mostrar que um enunciado é um acontecimento, Foucault (1995, p. 32) esclarece que este

está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, [...] é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; [...] está ligado não apenas a situações que o provocam, e a conseqüências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem.

Essa forma de ver o acontecimento nos convida a tentar compreender certos acontecimentos, como os escolhidos para este trabalho, que ocupam os espaços da mídia por um tempo de maneira destacada e reiterativa. Acompanhando os enunciados mobilizados pelo jornal a cada dia, percebemos que, conforme a ocorrência dos fatos no Vaticano, os acontecimentos vão ganhando mais ou menos destaque, sendo repetidos ou esquecidos. As práticas discursivas adormecidas vão sendo ressuscitadas e dando lugar a novas práticas, desenterrando objetos já conhecidos e dando existência a outros que só poderiam surgir naquele momento

histórico. Assim, a materialidade discursiva nos coloca diante de enunciados que se ligam à memória coletiva, que desencadeiam ou não um movimento para a memória de arquivo da imprensa, e se repetem, mesmo sendo únicos, trazendo o passado e o futuro. Portanto, os discursos que constituem o saber jornalístico prestam-se à construção de um saber histórico, mesmo não sendo considerados científicos, autorizados pelas instituições de ciência. Foucault (2003a, p. 172), ao falar de um empreendimento para libertar da sujeição científica os saberes históricos, situa seu projeto geral, esclarecendo que “enquanto a arqueologia é o método próprio à análise da discursividade local, a genealogia é a tática que, a partir da discursividade local assim descrita, ativa saberes libertos da sujeição que emergem desta discursividade”. Trabalhar com enunciados, a partir de um veículo midiático de circulação nacional, como é o caso da Folha de São Paulo, permite-nos, a partir dos discursos materializados, conhecer as práticas discursivas e não-discursivas com suas estratégias e status para, assim, atingir o acontecimento discursivo, que é definido pela ruptura e pelo conhecimento, que “necessita da diferença e do barulho” (LACOUTURE, 2001, p. 232).

O poder da mídia se liga a um forte aparato de criação de símbolos que atende aos desejos da sociedade. Logo, o acontecimento discursivo construído pela mídia não é a realidade, mas a imagem da relação que a sociedade constrói entre si própria e a realidade concreta. Contudo, as imagens simbólicas não são fixas, e os leitores não são “espectadores passivos, mas atores principais”, e o “acontecimento é só a expressão de uma vontade coletiva” (BAUDRILLARD, 2002, p. 141).

Ao explicar que a História Nova se interessa por todos os homens, diferentemente da História tradicional, Le Goff (2001, p. 51) conclui que a primeira é mais capaz, porque vivemos em um mundo,

onde muda a memória coletiva, onde o homem, o homem qualquer, diante da aceleração da história, quer escapar da angústia de tornar-se órfão do passado, sem raízes, onde os homens buscam apaixonadamente sua identidade, onde procura-se por toda parte inventariar e preservar os patrimônios, constituir bancos de dados,

tanto para o passado como para o presente, onde o homem apavorado procura dominar uma história que lhe parece escapar [...]

Nesse sentido, Lacouture (2001) considera os meios de comunicação de massa como o veículo e o lugar privilegiado da “história imediata”, sendo o acaso não só ligado ao ofício e à prática do jornalista, mas também aos imprevistos da vida social. No entanto, o jornalista ansioso pelo acontecimento é um concorrente “à operação histórica, na medida em que, testemunha, ator, mediador, motor e observador, ele introduz em sua pesquisa uma vontade racional de situar, de ordenar essas seqüências e relacioná-las a um sentido pelo menos problemático” (LACOUTURE, 2001, p. 230). Além disso, nenhum acontecimento é histórico por natureza; faz-se necessário o discurso para reconstruí-lo como tal e estabelecer o seu sentido que só ganha existência no interior de uma série.

Pêcheux (2002), analisando um enunciado (“On a gagné”) veiculado pela mídia, quando François Mitterrand vence as eleições na França, demonstra que, a partir daquele enunciado, as reações de políticos e os comentários de especialistas divulgados pelos aparelhos de mídia começam “a fazer trabalhar o acontecimento [...] em seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca e que já começa a reorganizar” (Pêcheux, 2002, p. 19). Comparando esse enunciado ao resultado positivo de uma disputa de copa do mundo de futebol, Pêcheux (2002) constata que o jogo político é o acontecimento jornalístico que remete a um conteúdo social e político, ao mesmo tempo, transparente e opaco, pois o confronto discursivo, que ganha espaço por meio desse acontecimento aparentemente improvável, já havia começado antes de sua aparição na mídia por meio de formulações que apressavam ou impediam sua vinda, num trabalho de prefiguração discursiva do acontecimento. Esse jogo político se apresenta, assim, como um espetáculo provocado pela mídia, que estabiliza uma verdade apagando a opacidade do acontecimento. Com a ascensão dos meios de comunicação de massa, “a língua de madeira do direito e da política se enrosca com a língua de vento da propaganda e da publicidade. Uma face obscura de nossa modernidade à que uma

reflexão sobre a língua não poderia permanecer cega” (Gadet e Pêcheux, 2004, p. 23).

Assim, o papel da mídia na produção e na circulação dos sentidos que constituíram os discursos que objetivam o acontecimento da morte do Papa, num tempo em que impera a “língua de vento”, não poderia nos encaminhar a outro lugar de interpretação que não fosse aquele que contemplasse relação do homem com a língua e com a história.

Na notícia de 11 de fevereiro, que traz como manchete de canto de capa a imagem do Papa abatido acenando de dentro do papamóvel e o enunciado Papa deixa hospital e regressa ao Vaticano, o seu retorno após nove dias de internação é apresentado como um milagre. O jornal dá voz a uma fiel que acompanhava o cortejo para enunciar a frustração diante da não precipitação do acontecimento esperado, que era a morte: “esse retorno é um milagre da virgem”. Também, nesse sentido, há uma rememoração dos problemas de saúde do papa e a declaração da possibilidade de sua aposentadoria. O acontecimento da sucessão já é apressado. A espetacularização do acontecimento de sua saída do hospital também é um efeito percebido no discurso da notícia: “todo percurso foi transmitido ao vivo pela TV italiana [...]. Segundo observadores do Vaticano, a preparação do ‘show’ da saída do Papa teve exatamente a intenção de mostrar ao mundo que o pontífice está bem”. O termo show é colocado entre aspas, o que constrói uma ironia com a aproximação de sentidos de doença (motivo de tristeza) e de festa (motivo de comemoração, alegria) e um efeito de dúvida acerca do bem estar do papa. A idéia do cortejo organizado é subvertida pelo espetáculo construído pelo jornal que incide sobre a antecipação da desgraça da morte. É o desejo de “um acontecimento fatal”, como “uma precessão do acontecimento, sempre muito adiantada em relação à interpretação, que tenta desesperadamente recuperá-lo, como o som corre atrás dos objetos que ultrapassaram a barreira do som” (BAUDRILLARD, 2002, p. 138-139).

Os enunciados mobilizados para noticiar a saída do Papa do hospital dialogam em consonâncias e dissonâncias, e cada enunciado ganha identidade pelos limites e condições impostos pelo conjunto de outros enunciados. O enunciado da doença, e da possível morte, surge por uma “materialidade repetível”, conforme Foucault (1995,

p. 121), que o coloca como um objeto paradoxal que “os homens produzem, manipulam, utilizam, transformam, trocam, combinam, decompõem e recompõem, eventualmente destroem”. Dessa forma, o enunciado, ao mesmo tempo em que surge em sua materialidade, aparece com um status, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquivava, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade (FOUCAULT, 1995, p. 121).

A morte premeditada vai ganhando existência como realização de um desejo oculto disfarçado pela falsa estabilização lógica dos espaços discursivos que se situam entre a impossibilidade de morrer e continuar vivo. De acordo com Pêcheux (2002), a homogeneidade lógica é atravessada por uma série de equívocos. A mídia vai construindo uma lógica unívoca em torno do estado de saúde do papa, e a materialidade lingüística dos enunciados se apresenta numa falsa transparência, colocando esses enunciados como verdades. O homem, conforme Pêcheux (2002), tem uma necessidade de homogeneidade lógica, um desejo de aparência, e a mídia reafirma isso. É como se as coisas que ainda estivessem por vir se ligassem aos fatos ocorridos somente por uma relação lógica direta. Apagam-se os espaços discursivos entre a causa (doença) e a consequência (morte), silenciando o fato de que

as coisas-a-saber” coexistem assim com objetos a propósito dos quais ninguém pode estar seguro de saber do que se fala, porque esses objetos estão inscritos em uma filiação e não são produto de uma aprendizagem [...] [e] todo discurso marca possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes [de memória] e trajetos [sociais]: todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho [...] de



deslocamento no seu espaço[...] (PÊCHEUX, 2002, p. 55-56)

A volta do papa ao hospital vai ocupar as páginas do jornal do dia 25 de fevereiro, quando é noticiada a sua internação, ao dia 14 de março, quando do seu retorno ao Vaticano. A notícia de que voltou a ser hospitalizado traz imagens de capa e da “Folha Mundo”, em destaque, com fiéis rezando em uma igreja de Roma. A manchete de capa apresenta, em letras grandes, o enunciado Papa sofre nova crise e é operado em Roma e, em letras menores, João Paulo 2º tinha dificuldades para respirar e foi submetido a traqueostomia. No dia seguinte, 26 de fevereiro, o jornal traz uma manchete de canto afirmando Papa melhora após cirurgia e já consegue se alimentar, e a mensagem principal apresenta outro assunto relativo à política brasileira. Assim, o tema sobre a saúde do Papa vai sendo tecido com ou sem destaques, em conformidade às ocorrências que podem se tornar acontecimentos. Trabalhando com as noções de tema e acontecimento discursivo, Guilhaumou e Maldidier (1997, p.165-166) explicam que a primeira “supõe a distinção entre o ‘horizonte de expectativas’ – o conjunto de possibilidades atestadas em uma situação histórica dada – e o acontecimento discursivo que realiza uma dessas possibilidades”. Assim, o acontecimento discursivo não se confunde com a notícia, com o fato ou com o acontecimento construído pelo historiador, pois ele é apreendido na trama de enunciados que se entrecruzam em um dado momento.

Tomando os enunciados que construíram a notícia nesse período, observamos que o jornal dá espaço maior para aqueles que tratam do elemento surpresa que está ligado à melhora do Papa, que rompe com o esperado que seria sua morte. Assim, uma rede discursiva vai se delineando com enunciados que realizam um discurso fatalista – a morte esperada – e um discurso de decepção e dúvida em relação ao restabelecimento da saúde. Os enunciados que apresentam esses discursos ainda se ligam a outros, reatualizando-os, o que comprova o postulado de Foucault (1995, p. 112) de que “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados”.

Nesse emaranhado de sentidos em disputa, a morte, ao mesmo tempo aguardada e negada, faz surgir outras possibilidades de acontecimentos. A renúncia do Papa é um acontecimento antecipado, por exemplo, quando o jornalista apresenta um trecho

do livro *Memória e Identidade*, de João Paulo 2º, em que ele afirma “a consciência do ‘servo inútil’ vai crescendo em mim no meio de tudo o que acontece ao meu redor”, e o jornalista interpreta dizendo “ele parece dizer que, como papa, deve esperar que a decisão sobre o momento de abandonar o cargo seja tomada, afinal, por quem o conduz na tarefa de governar os católicos – isto é, Deus”. Mais adiante, há a informação de que o Vaticano funciona normalmente com o papa internado e, logo a seguir, a oposição “Mas não é claro o que acontecerá se ele entrar em coma”. Ainda nesse mesmo dia, 25 de fevereiro, na página seguinte há a manchete: ‘Sombra’ de João Paulo 2º dirige sucessão; em letras menores, a explicação: apenas três dos 120 cardeais que participarão do próximo conclave não foram indicados pelo papa, desde 1978 no posto.

Os rumores de sua morte vão dando lugar às especulações em torno da renúncia e da sucessão. Mesmo com a notícia de sua melhora, no dia 28 de fevereiro, quando a manchete de capa traz a imagem do Papa acenando para os fiéis da janela do hospital e o enunciado Papa surpreende e aparece para fiéis, o jornal coloca como inesperada a sua reabilitação e como certa a possibilidade de sua morte. A esses enunciados outros vão sendo alinhavados construindo os novos sentidos e resgatando outros, o que vai constituindo a singularidade do acontecimento. Para que a morte e a sucessão produzam um efeito de verdade, certos enunciados e acontecimentos vão sendo recuperados, apelando para as imagens do papa já cristalizadas e que ganham movimento pela ativação da memória discursiva. Assim, vemos ressurgir o papa “Atleta de Deus”, mas com um outro sentido estabelecido pela oposição feita de sua imagem em “uma cadeira de rodas, curvado, muito pálido”; o Papa “pop” que “leva ao delírio os ‘papa boys’ que cantam e pulam ritmadamente, como se estivessem em um estádio de futebol, pedindo para que o papa ‘não desista jamais’”. A própria mídia é colocada em cena, numa espécie de reconhecimento do exagero na expectativa da morte e da sucessão, para mostrar que vale tudo para passar informação à sociedade, colocando os seus próprios sentidos como determinados pela tecnologia ligada aos aparelhos de divulgação da informação que encurtam tempo e espaço entre a ocorrência do fato e sua chegada, para atender às necessidades de uma sociedade que se alimenta dessa rede de acontecimentos. Em

várias edições, o jornal discutiu seu papel, delegando vozes a pessoas que foram entrevistadas, como em: “Os ‘biltres’ (abutres) são os jornalistas [...]. Cada vez que o papa é levado ao ‘Gemeli’, os “abutres” acampam na praça, com seu equipamento, mas João Paulo teima em desiludi-los [...]”. E o jornalista responde para o leitor: “Mas os ‘abutres’ não são apenas os jornalistas: as casas britânicas de jogo já estão aceitando apostas em quem será o sucessor de João Paulo 2º”.

Assim, a morte vai sendo construída como acontecimento que ativa enunciados que não poderiam surgir em outro momento, com a morte do papa anterior, por exemplo, pois, justamente, a “a ‘acontecimentalização’ consiste em reencontrar as conexões, os encontros, os apoios, os bloqueios, os jogos de força, as estratégias, que, em um dado momento, formaram o que em seguida, funcionará como evidência, universalidade, necessidade” (FOUCAULT, 2003, p. 339b). Para essas últimas entrarem em funcionamento, efeitos de verdade são construídos a todo instante e, conforme Foucault (2003b), esses efeitos não se dissociam do poder e dos mecanismos de poder que unem a sociedade em torno de uma verdade. Uma das características da verdade para Foucault (2003a), é que ela é objeto de difusão e consumo, circulando nos aparelhos de informação, por exemplo, e é produzida e transmitida sob o controle de grandes aparelhos como os meios de comunicação. Dessa forma, há um conjunto de práticas discursivas e não-discursivas que faz com que os fatos noticiados entrem no jogo do verdadeiro e do falso. Há uma luta travada que passa pelo discurso, pelo saber e pelo poder. O falso e o verdadeiro são construídos por uma regularização discursiva que “é sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo” (PÊCHEUX, 1999, p.52).

Após deixar o hospital até o dia de sua morte (02 de abril), os rumores acerca do estado terminal do papa, as especulações em torno da sucessão e seus possíveis candidatos se constituíram em matérias trabalhadas pelo jornal. Quando o seu estado de saúde se agrava, o fato volta ganhar destaque no jornal. Agora, o acontecimento está se constituindo como verdade, nascendo para fazer parte da história. Outros acontecimentos já colocados em esquecimento são despertados para ocupar as séries que construirão o novo acontecimento. Quadros mostram as doenças adquiridas

pelo papa com descrições de lugar e data, a deteriorização de sua saúde e suas internações em 2005. Uma nova identidade do papa vai se configurando. Não é só o “papa pop” e o “atleta de Deus”, agora é o papa que ajudou a desintegrar a União Soviética e a derrubar o muro de Berlim; o “homem de paz” que uniu muçulmanos e judeus, que tornou a Polônia unida e solidária. Um novo acontecimento já começa a irromper: a santificação de João Paulo 2º.

A sua morte e os enunciados construídos sobre ela trazem para encenação o passado e o futuro. Diante de seus feitos passados surgem os enunciados sobre a sua beatificação e, mesmo no dia da notícia de sua morte, o jornal já começa a levantar nomes dos possíveis sucessores. E aí um debate se arma em torno do conservadorismo do papa e de seu possível substituto e das idéias progressistas de algumas linhas da igreja. A sua imagem de “superpapa”, que é mostrada pelo jornal com um cartaz de um cartunista Colombiano que criou o super-herói “Homo Pater”, confronta-se com a imagem de um líder retrógrado que condenou o uso de preservativo, o aborto em qualquer circunstância, o casamento entre homossexuais etc. Agora não é apenas João Paulo 2º, mas também Karol Wojtyła. Até a divulgação da notícia de seu sepultamento, vários enunciados foram traçados na tentativa de fazer emergir novos acontecimentos, ou acontecimentos com uma história espetacularizada. Estabelecem-se, então, debates em torno dos milagres já realizados pelo papa, testemunhados pelos fiéis e até uma polêmica com textos de religiosos argumentando sobre o fato de Lula ser ou não ser “um homem de fé”. No meio dessa polêmica, o jornal declara que “Lula vai encontrar líder do legislativo cubano”. Os sujeitos convocados a entrarem numa ou noutra ordem discursiva são qualificados para satisfazer a certas exigências e atender a certas restrições. Uma pessoa do povo pode falar sobre os milagres que presenciou, mas, para atestar sobre a fé do presidente Lula, é preciso buscar as garantias dadas por um bispo. Foucault (1998, p. 43) demonstra que o ritual é a forma mais visível de restrição, pois há um conjunto de gestos, de circunstâncias e signos que acompanham o discurso, e a doutrina, como sinal de pertença, “liga os indivíduos a certos tipos de enunciação e lhes proíbe, conseqüentemente todos os outros”.

O discurso da mídia produz o acontecimento e impõe os fatos ocorridos como história, mas o acontecimento “não fala mais do que dele se fala ou do que se o diz” (DELEUZE, 2003, p.187). Portanto, tudo o que nos oferece é interpretação, e o nosso olhar de analistas dos discursos, que são da ordem da história, procura enxergar as práticas nas diferentes interpretações dos fatos e a “história das práticas em que os homens enxergaram verdades e das suas lutas em torno dessas verdades” (VEYNE, 1998, p.280). Assim, após o sepultamento, o acontecimento da morte do papa não constitui mais os enunciados nucleares e passa a compor as margens dos enunciados vizinhos. O acontecimento a ser configurado já é outro: a escolha do novo papa. Novamente assistimos ao trabalho da mídia para satisfazer os desejos por acontecimentos trágicos e espetaculares que garantam o preenchimento de seus espaços, suscite novos acontecimentos e coloque outros no esquecimento temporário: Votação de cardeais também provocaram brigas de sangue; Venalidade e ingerências já mancharam os conclaves; João 19 pagou para se tornar papa; Honório 2º obteve trono no grito.

A série de acontecimentos que vai constituindo o discurso da mídia sobre a morte do papa nos remete à descrição das relações que esses acontecimentos discursivos mantêm com outros acontecimentos que pertencem a diferentes campos, como o político, o religioso, o médico etc. Dessa forma, como Foucault (2003b) bem demonstrou em uma entrevista, o que buscamos com este trabalho não foi evidenciar um sentido para os enunciados que deram existência de acontecimento para a morte do papa, mas procurar interpretar a função que esses enunciados ganharam quando relacionados a outros naquele momento específico. Robin (1977) analisando a morte como um objeto discursivo histórico, constata que a morte real não se modifica com o tempo, mas as atitudes diante da morte são modificadas, conforme a rede de sentidos que vai se construindo com as práticas discursivas de uma determinada época.

#### Bibliografia

- BAUDRILLARD, Jean. A troca impossível. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2002.
- DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. São Paulo, Perspectiva, 2003.

- FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo, Edições Loyola, 1998.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Graal, 2003a.
- FOUCAULT, Michel. Poder e saber. In: MOTTA, Manoel B. (org) Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003b.
- FOUCAULT, Michel. Diálogo sobre o poder. In: MOTTA, Manoel B. (org) Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003b.
- FOUCAULT, Michel. Mesa-redonda em 20 de maio de 1978. In: MOTTA, Manoel B. (org) Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003b.
- GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. A língua inatingível. Campinas, Pontes, 2004.
- GREGOLIN, Maria do Rosário V. Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos. São Carlos, Clara Luz, 2004<sup>a</sup>.
- GREGOLIN, Maria do Rosário V. Michel Foucault: o discurso nas tramas da História. In: FERNANDES, Cleudemar A.; SANTOS, João Bosco C. dos. Análise do discurso: unidade e dispersão. Uberlândia, Entremeios, 2004b.
- GUILHAUMOU, Jacques; Maldidier, Denise. Efeitos do arquivo. A análise do discurso no lado da História. In: ORLANDI, Eni P. (org). Gestos de leitura: da história no discurso. Campinas, Ed. da Unicamp, 1997.
- LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques. A História Nova. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- LE GOFF, Jacques. A História Nova. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- MALDIDIÉ, Denise. A inquietação do discurso: (re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas, Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, Pierre et alii. Papel da Memória. Campinas, Pontes, 1999.
- PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas, Pontes, 2002.
- ROBIN, Regine. História e Lingüística. São Paulo, Cultrix, 1977.

STEINBERGER, Margarethe B. Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina. São Paulo, EDUC; Cortez, 2005.

VEYNE, Paul. Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história. Brasília, Ed. da Universidade de Brasília, 1998.